

A EDUCAÇÃO DE PARCERIA E A SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

NIVIA MARCIA VELHO,
GREICI WEINZIERL,
TÉRCIA MARIA FERREIRA DA CRUZ,
ARLEIDE ROSA DA SILVA,
FRANCISCO ANTÔNIO PEREIRA FIALHO

Programa de Pós Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento
Universidade Federal de Santa Catarina - Santa Catarina – Brazil
nivia@cds.ufsc.br

1. Introdução

O presente texto se inspira na obra de Riane Eisler - *Tomorrow's Children: A Blueprint for Partnership Education for the 21st Century* (2000) que problematiza as relações entre os seres humanos que são responsáveis pelas transformações baseadas nas muitas diferenças nas sociedades através da história humana – diferenças em localidades geográficas, períodos de tempo, religiões, economia, política, níveis de desenvolvimento tecnológico. Para delimitar a situação a autora detectou dois tipos de estruturas de relações que pautam todas as outras que derivam destas: o “modelo dominante” e o “modelo de parceria”, que serão tratados neste trabalho.

Nessa perspectiva, surge a preocupação com a educação das crianças de hoje que no futuro serão os responsáveis pelo “gerenciamento” do mundo. Os sistemas educacionais da atualidade têm se defrontado com vários resquícios da educação tradicionalista que sobreviveram até os tempos modernos. Gadotti (2000) afirma que a educação tradicional e a educação nova têm em comum a concepção da educação como processo de desenvolvimento individual. Todavia, o traço mais original da educação do século XX foi o deslocamento de enfoque, do individual para o social, para o político e para o ideológico.

2. Pode-se falar em escola ou em educação do futuro?

A partir do século XX surgem as diversas perspectivas para as chamadas “escolas do futuro”. Devem contemplar uma proposta pedagógica, segundo Marconcin (2002) que atendam às necessidades da pós-modernidade e consiste em superar o desafio de dar respostas de que precisam crianças e adultos que vivem em um mundo caracterizado pela exaltação da mudança, pela perda de sentido e de certezas, pela falta de referências.

Eisler (2000) sinaliza que o avanço do mundo atual, exige o desenvolvimento das capacidades tecnológicas, econômicas e sociais de nossas crianças que precisam entender e apreciar nosso habitat natural, nossa Mãe Terra. Elas precisam desenvolver sua capacidade inata de amor e amizade, de se importar e tomar conta, de criatividade, de sensibilidade para suas próprias necessidades reais e as de outros.

O espaço educativo (família, escola, sociedade, etc.) defendido por Marconcin (2002) torna-se não só um local de transmissão de normas, saberes, mas de formação do sujeito individual e coletivo através da incorporação das dimensões essenciais ao desenvolvimento humano: a **dimensão afetiva**, é a procura de vínculos e de filiação, constituída pelas necessidades de ligação afetiva, de aceitação e de investimento, a **dimensão cognitiva**, é a procura de sentido que remete à necessidade de realização, envolvendo as necessidades de estimulação, de experimentação e de reforço, a **dimensão social**, é a procura de poder e autonomia, composta pelas necessidades de comunicação, de consideração e de estruturas e a **dimensão ideológica**, é a procura de valores, examinada a partir de três valores humanos fundamentais, que são o bom/o bem, o verdadeiro e o belo. Pourtois e Desmet (1997 *apud* Marconcin 2002).

Em seu livro “Pedagogia da Terra”, Gadotti (2000) ressalta algumas categorias constantes na literatura pedagógica que melhoram o entendimento das perspectivas atuais e

futuras da educação como a cidadania, a planetaridade, a sustentabilidade, a dialogicidade, a virtualidade, a globalização e a transdisciplinaridade.

Destaca que a última categoria possui significados distintos em diferentes contextos, porém indica uma nova tendência na educação.

Ainda nesta vertente Silva (2004) destaca a importância da transdisciplinaridade em seu trabalho de investigação das categorias essenciais para promoção da saúde integral dos alunos em espaços de aprender. Baseia-se na conexão dos processos de aprender com o Eu, com o outro e com a Natureza na procura de integralidade.

D'Ambrósio (2002) defende que a educação do futuro deve evoluir ao conhecimento transdisciplinar, que assume a inconclusão do ser humano, rejeita a arrogância do saber concluído e das certezas convencionadas e propõe a humildade da busca permanente. O autor cita que muitas propostas transdisciplinares como a visão holística, a complexidade ou pensamento complexo, as teorias da consciência, as ciências da mente e a inteligência artificial têm sido elaboradas e aplicadas às diversas áreas do conhecimento.

3. Educação de parceria na sociedade do conhecimento

A proposta de educação de parceria de Riane Eisler encoraja os estudantes a ter um maior autoconhecimento e maior conhecimento dos outros, procurando significados para suas vidas e suas curiosidades. A 'sociedade do conhecimento' atualmente se prepara para desafios oriundos da necessidade de novas perspectivas na educação. Mesmo existindo tendências opostas como a da escola neoliberal e neoconservadora, segundo Gadotti (2000) surgem na base da sociedade, ideologias baseadas numa visão democrática e participativa como a escola cidadã e a ecopedagogia.

Para Eisler (2000) a mudança no sistema educacional atual possibilitará às crianças e jovens de hoje enfrentarem desafios inimagináveis no futuro, "se os ajudarmos a começar a construir as fundações para uma **parceria** em vez de um mundo **dominador**, então as crianças de amanhã terão o potencial para criar uma nova era de evolução humana."

É imprescindível que esta modalidade de educação esteja fundada nos preceitos da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI da Unesco que sob a ótica de Delors (1999) preconiza que a capacidade de inovar é essencial na educação do futuro e que para tal é vital a autonomia dos estabelecimentos de ensino tanto na gestão da própria escola quanto na gestão de seus recursos.

Freire (1997) acredita na importância dos conhecimentos adquiridos nas "experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação."

Existem outras maneiras de explorar, segundo Silva (2004), nos espaços dedicados à aprendizagem, a sutileza dos sentimentos, de apostar na capacidade que temos de conviver, de amar e de cultivar a vida. Basta que saibamos explorá-los.

Nosso 'locus' de aprendizagem é o mundo e todo o seu entorno. Para Gadotti (2007), as novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Na era da sociedade do conhecimento, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. Cada dia mais pessoas estudam em casa, pois podem de casa, acessar o ciberespaço da formação e da aprendizagem à distância, buscar "fora" – a informação disponível nas redes de computadores interligados – serviços que respondem às suas demandas de conhecimento.

Assim como Eisler os educadores e educandos procuram caminhos que conduzam a um futuro guiado pela parceria em vez da dominação e para isso este estudo apresenta o entendimento de alguns autores sobre o papel da educação de parceria em tempos atuais capazes de promover uma mudança educacional sistêmica na era da sociedade do conhecimento.

4. O processo de parceria: como ensinamos e aprendemos

O processo de parceria preconizado por Eisler contempla diversos estilos de aprendizagem e abrange o aprendizado cognitivo ou intelectual e o afetivo ou emocional. Ao reconhecer as dimensões do aprendizado corporal e estimular a vontade de agir dos educandos relaciona-se com várias interlocuções do processo educacional de parceria entre os quais pode-se citar o da teoria das Inteligências Múltiplas de Howard Gardner.

Seus estudos foram baseados na explicação para a cognição humana e o reconhecimento de diversas e independentes facetas que a compõe, preconizando ainda a interdependência entre duas ou mais delas. Para ele cada pessoa aprende de forma e estilo diferentes de outros sujeitos oriundos mesmo que de uma mesma sociedade ou meio cultural.

Nesse sentido, os estudos de Gardner citados por Gáspari e Schwartz (2002) foram decisivos para a substituição do paradigma unidimensional pelo multidimensional, onde “as múltiplas faculdades humanas são independentes em graus significativos” (Gardner, 1995).

Para Gardner as inteligências imprescindíveis para o espectro de competências do indivíduo são: lógico-matemática, lingüística, cinestésica-corporal, musical, espacial, interpessoal, intrapessoal, naturalista e a existencialista.

Desta forma Dantas (2005) ressalta que Gardner (1995) comunga com a idéia de Freire (1996) de que o educador deve possibilitar condições para a produção ou construção do conhecimento pelo educando, respeitando os saberes que este traz consigo por meio de suas experiências, e aproveitando esses saberes já adquiridos na abordagem de temas, facilitando a compreensão, tornando-os familiar ao aprendente.

O estudo das múltiplas inteligências vai ao encontro do processo de parceria pois modela as relações de parceria no dia-a-dia, mostrando às crianças que suas vozes serão ouvidas, suas idéias respeitadas e suas necessidades emocionais compreendidas.

A construção de conhecimento, a consciência, o pensamento, a imaginação, a criatividade, a geração de planos, as estratégias, o raciocínio, a conceitualização, a classificação e a formação de relações, a fantasia e os sonhos, entre outros são tidos por Dantas (2005) como processos mentais que são modelados pelas diferentes combinações dessas inteligências dos indivíduos.

Conforme Eisler (2000), o trabalho de Howard Gardner sobre inteligências múltiplas está pautado na necessidade de tratar as crianças como pessoas completas – outro componente do processo de parceria.

5. Sociedade de dominação para a sociedade de parceria

Eisler (1989) relata a evolução cultural das sociedades ocidentais desde a pré história até o presente e enfoca as implicações de como são organizadas as relações entre as metades masculina e feminina da humanidade. Segundo a autora todas as sociedades são configuradas por um modelo dominador, chamado popularmente de patriarcado ou matriarcado, que consiste na supremacia de uma metade da humanidade sobre a outra. No modelo dominante, o homem é o chefe e exerce autoridade perante os demais integrantes da família. As relações se dão, na maioria das vezes, pela intimidação e violência física e ou moral, e através de crenças e valores, esta estrutura é aceita por todos como normal e correta. Já no modelo de parceria, as relações sociais se baseiam primordialmente no princípio de união em vez de supremacia e a diversidade entre os sexos masculino e feminino tem o mesmo valor. Tem uma estrutura familiar menos hierárquica e autoritária, não existe inferioridade ou superioridade entre o homem e a mulher, o nível de violência e de abuso é baixo e, também, através de crenças e valores este tipo de estrutura é aceita por todos como normal e correta.

A evolução cultural, denominada pela autora de Teoria da Transformação Cultural propõe também que o rumo original de nossa evolução cultural apontava para o modelo de parceria, porém devido a um período de caos ocorreu uma fundamental mudança social, onde as sociedades que cultuavam os poderes alimentadores e geradores de vida do universo foram

interrompidas por uma forma de organização social muito diferente, em que prevaleceu o poder para estabelecer e impor a dominação.

Eisler (1989) afirma que a humanidade se encontra frente à possibilidade de uma segunda transformação social, mudança de uma sociedade dominadora para uma sociedade de parceria, sendo necessário compreender os acontecimentos do passado.

O avanço tecnológico do século XXI permite ao homem criar e desenvolver novas tecnologias com uma velocidade surpreendente. Em decorrência desse avanço os países de todo o mundo permanecem numa competição acelerada para apresentar inovações tecnológicas, na maioria benéficas ao homem, porém outras podem provocar guerras e destruição, gerando ameaça à humanidade.

Ao se comparar a sociedade atual com as sociedades pré-históricas de parcerias, identifica-se que as grandes descobertas realizadas tinham o propósito de melhorar a vida e não impor dominação e destruição. Para a autora as sociedades primitivas de parceria, menos adiantadas tecnológica e socialmente, eram mais evoluídas sob o ponto de vista das relações humanas, do que as sociedades altamente tecnológicas de nosso mundo atual, onde milhões de crianças são condenadas a morrer de fome todos os anos enquanto bilhões de dólares são despejados em formas cada vez mais sofisticadas de extermínio.

Nesta perspectiva, percebe-se que ao se interagir com uma mudança que a humanidade e seus líderes iniciam no resgate de valores da sociedade em que se vive, revendo conceitos, respeitando a natureza, e principalmente voltando-se para o homem e suas relações com o outro e com o meio, o que se identifica é a característica de sociedade de parceria, e não de dominação.

Neste contexto Eisler (1989) observa que é necessário preparar as crianças para enfrentarem os desafios do modelo de parceria que está sendo delineado, ajudando-as neste processo. Assim as crianças de amanhã estarão preparadas para estabelecer uma nova era de evolução humana.

6. Educação de parceria na família

Ao longo dos tempos, a humanidade está tendo um novo olhar sobre as crianças, se preocupando e valorizando a sua existência e a educação que irão receber. Esta preocupação é percebida nos governantes, notadamente em alguns países, que desenvolvem programas especiais para as mulheres, desde a concepção, acompanhando a saúde e a educação da criança. Já na família, excluindo-se aqui as diversas situações de empobrecimento, desestrutura familiar ou desconhecimento dos pais, as crianças recebem cada vez mais estímulos e cuidados.

Eisler (2000) em seu livro *Tomorrow's Children* enfatiza o estudo de psicólogos que identificaram que o tipo de cuidado (material, emocional e mental) que a criança recebe principalmente durante os primeiros três anos de vida abrem caminhos neurais que determinarão grande parte da nossa capacidade mental e estrutura emocional quando adultos. Quando as crianças recebem cuidados positivos que se baseiam em elogios, afeição e abstenção de violência, liberam as substâncias químicas dopamina e serotonina em áreas particulares do cérebro, promovendo estabilidade emocional e saúde mental. Em contraste, segundo a autora, se as crianças são sujeitas a um tratamento negativo, baseado em medo, vergonha e ameaças, elas se tornam tiranas, agressivas ou deprimidas, defensivas, hiper-vigilantes e apáticas à sua própria dor, bem como a dos outros.

Para Maturana (2002) há dois períodos cruciais na história do ser humano que têm conseqüências fundamentais para o tipo de vida que traz consigo. São elas a infância e a juventude. Na infância, a criança vive o mundo em que funda sua possibilidade de converter-se num ser capaz de aceitar e respeitar o outro a partir da aceitação e do respeito de si mesma. Na adolescência experimenta-se a validade dos valores vivenciados na infância, para o começo de uma vida adulta social e individualmente responsável.

Neste sentido é possível identificar que as crianças de hoje estão recebendo muito mais estímulo e atenção na família do que em outras épocas de nossa existência, quando a relação de pais e filhos era mais distante e hierárquica, com padrões que distanciavam as crianças impedindo-as de participar ativamente da vida em família, de receber carinho e afagos inibindo-as de expressar todo o seu potencial.

Os pais, na grande maioria, nutrem um amor incondicional pelos seus filhos. Porém para Eisler (2000) o que faz a diferença é a forma de expressar este amor através de toques amorosos, abraços, conversas, afinidades e sorrisos, que irão proporcionar a criança um senso de segurança e auto-valorização.

Maturana (2002) reforça “O amor é a emoção central na história evolutiva humana desde o início, e toda ela se dá como uma história em que a conservação de um modo de vida no qual o amor, a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência, é uma condição necessária para o desenvolvimento físico, comportamental, psíquico, social e espiritual normal da criança”.

Assim é necessário que os pais fiquem atentos na forma como se relacionam, amam e educam as crianças, pois elas vão repetir e devolver para a sociedade, quando adultos, o que experimentaram e aprenderam com a família.

7. Educação de parceria na escola

A educação de parceria faz com que a criança se sinta realizada e estimulada a frequentar ambientes educacionais e isso se torna essencial para um aprendizado adequado e promissor. Uma educação voltada para esse fim leva a criança a reconhecer e a selecionar novos padrões mentais, tendo como objetivo básico o fortalecimento de habilidades para tomar decisões pessoais, econômicas e políticas saudáveis.

Para Eisler (2000), o ensino em parceria ajuda a criança a aprender, através de aceitação e entendimento, regras que estimulam o respeito em vez do medo. Baseia-se em experiências não verbais por meio da arte, música, drama, poesia, contato com a natureza e brincadeiras.

Eisler (2000) define três marcos para a educação de parceria: processo, conteúdo e estrutura, como se ensina, o que se ensina e que tipos de estrutura educacional se constroem. O processo de parceria modela as relações no dia a dia, mostrando as crianças que suas vozes serão ouvidas, suas idéias respeitadas e suas necessidades emocionais compreendidas.

Ensinar dialogando requer humildade, paciência e criatividade. O professor possui o poder mágico de acender ou apagar no aluno, o amor ao estudo. Este amor não pode ser imposto por sermões, ameaças e advertências, mas deve ser estimulado através de uma didática eficaz, temperada de diálogo e paixão.

A educação centrada na criança, o movimento cooperativo de aprendizado, e outros movimentos educacionais progressivos estão abrindo caminho para o processo educacional em parceria. Com foco principal em como se ensina ao invés do que se ensina, esses movimentos promovem experiências de aprendizado em que os professores facilitam em vez de controlar e os estudantes aprendem a trabalhar juntos, cada criança é tratada com empatia e carinho.

O processo de parceria é um estilo de ensino, que integra e honra os estudantes como indivíduos completos com diversos estilos de aprendizagem. É focado não apenas no aprendizado cognitivo ou intelectual, mas também no aprendizado afetivo ou emocional. Ele reconhece as dimensões adicionais do aprendizado somático ou corporal e do aprendizado conativo – a vontade de agir. (EISLER, 2000)

Já o conteúdo de parceria enfatiza o processo educacional que transforma o como ensinar sem transformar o que ensinar – sem igual atenção ao conteúdo curricular – é como tentar voar sem uma asa. Transformar o conteúdo curricular é básico para transformar a educação. O currículo que é ensinado nas escolas é o alimento que se oferece para as mentes

das crianças: alimento para o pensamento e ação. São os meios dos quais os jovens formarão suas visões de mundo e de seu lugar nele. (EISLER, 2000).

Processo de parceria e conteúdo de parceria são as duas metades complementares da educação de parceria em ação. Elas estão intrinsecamente interconectadas a fim de transformar conteúdo curricular básico para transformar a educação.

Habitualmente o currículo pauta-se no desenvolvimento de idéias, o que segundo a autora limita as possibilidades de aprendizado. Além de idéias as crianças devem aprender a se importar com os outros seres humanos, e devem ter uma preocupação maior em algum centro de cuidado: de si próprio, pessoas íntimas, conhecidos, pessoas distantes, animais, plantas, ambiente físico, objetos e instrumentos.

Neste sentido Eisler (2000) coloca que pesquisas psicológicas apóiam a conclusão de que crianças aprendem o que internalizam de narrativas e de histórias, afetando suas atitudes, valores e comportamentos. O modo como as pessoas vêem a si próprios e aos outros depende de como o ser humano é ensinado a perceber o mundo. Interessante é o relato de que os valores formados através de narrativas culturais transmitidas de geração em geração, podem ser modificados através de novas narrativas.

No modelo de parceria o conflito é usado não para selecionar vencedores e perdedores, ou quem domina e quem é dominado, mas sim para criativamente chegar a soluções que vão além do compromisso de um ideal maior.

Em estruturas de parceria na escola, as crianças têm responsabilidades de determinar algumas das regras da escola e de verificar se elas são honradas. Apesar da suposição de que os adolescentes são naturalmente rebeldes, quando eles sentem que são escutados, cuidados e participam do funcionamento da sua escola, a propensão é diminuir a rebeldia.

8. Considerações finais

A humanidade vem, gradativamente, se voltando para uma consciência e percepção dos perigos de toda ordem que nossa geração enfrenta, seja através da degradação do meio ambiente, das guerras e disputas por territórios e poder, da violência moral e física que as famílias, a escola e a sociedade em geral se tornam reféns. As pessoas de todo o mundo participam de projetos e campanhas, em especial, para a paz mundial e a preservação do meio ambiente. Estas manifestações representam a inquietação da humanidade pelo estado atual das coisas, de que é preciso haver uma transformação de um sistema que vem produzindo guerras, injustiça social e desequilíbrio do meio ambiente para um sistema de paz, justiça social e equilíbrio do meio ambiente.

Grandes avanços têm sido implementados neste sentido, mas há muito trabalho a ser realizado. Ao estudar e conhecer a Educação de Parceria vislumbra-se uma maneira de colaboração para as mudanças que se fazem necessárias na sociedade, e espera-se assim como Gadotti (2007) que a educação do futuro seja mais democrática, menos excludente, sendo este o grande desafio. Infelizmente, diante da falta de políticas públicas no setor, surgiram as “indústrias do conhecimento” que mercantilizaram a educação, prejudicando uma possível visão humanista, tornando-a instrumento de lucro e de poder econômico.

Busca-se novas possibilidades espelhadas em Silva (2004) que desafia a repensar e reorientar a educação para a conexão e para o entendimento de que existem saídas ao alcance das pessoas para o processo de totalidade do ser humano, pois “somos seres de possibilidades!”

Pode-se colocar como uma das metas de caminhada, a busca dos “sete saberes necessários” à educação do futuro preconizados por Morin (2004) que deveriam ser tratados em toda sociedade e em toda cultura, sem exclusividade nem rejeição, segundo modelos e regras próprias de cada contexto.

Como contemporâneos da era do conhecimento, vive-se tempos em que a pedagogia tem um importante papel na sociedade “aprendente”, pois todos se tornaram aprendizes e a educação em parceria veio para preparar melhor os jovens para a nova informação – e para a

economia pós-industrial orientada a serviços. A dimensão ensino-aprendizagem mudou de foco e a pedagogia não se importa apenas com a didática, mas também em como “ensinar” dentro da ética e da filosofia, em como amar o conhecimento como espaço de realização humana, de alegria e de contentamento cultural.

A educação precisa ser profundamente transformada para ser determinante sobre o desenvolvimento e para isso, parafraseando Freire (1996) o ser humano em sua condição de inacabado e consciente de seu inacabamento, deve se predispor a participar de um movimento constante de busca no sentido de diminuir as razões para a desesperança que nos imobiliza.

Referências Bibliográficas

- D'AMBRÓSIO, Ubiratan. Paz e necessidade de repensar a educação. In: SOUZA, Bohn e. **Faces do Saber: desafios à educação do futuro**. Florianópolis: Insular, 2002. p. 31.
- DANTAS, Geórgia Geogletti Cordeiro. **Inteligências múltiplas em ambientes multiculturais buscando a autonomia freireana**. V Colóquio Internacional Paulo Freire . Disponível em: <www.paulofreire.org.br>. Acesso em: 26 maio 2007.
- DAVID, Paul A.; FORAY, Dominique. **Fundamentos económicos de la sociedad del conocimiento. Comercio Exterior**, Mexico, v. 52, n. 6, p.472-490, jun. 2002.
- DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir**. 3 ed. Sao Paulo: Cortez, 1999.
- EISLER, Riane. **Tomorrow's Children: A Blueprint for Partnership Education for the 21st Century**. Cambridge: Westview Press Pages, 2000, 362p. ISBN: 0-8133-9040-0.
- EISLER, Riane. **O Cálice e a Espada: Nossa História, Nosso Futuro**. Rio de Janeiro. Imago Editora, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Sao Paulo: Paz e Terra, 1997.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P; SHOR, I. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GADOTTI, Moacir. **Desafios para a era do conhecimento**. Revista Viver Mente & Cérebro. Disponível em: <www.estadao.com.br>. Acesso em: 05 jun. 2007.
- _____. **Pedagogia da terra**. Sao Paulo: Petrópolis, 2000.
- GARDNER, Howard. **Teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- GÁSPARI, Josset Campagna de; SCHWARTS, Gisele Maria. Inteligências Múltiplas e Representações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18, n. 3, p.261-266, set. 2002.
- MARCONCIN, Isabel C.. **Educação: Imagens do passado e do presente e projeções do futuro**. Rev. Pec, Curitiba, v. 2, n. 1, p.13-17, jul. 2002.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e Linguagem na Educação e na Política**. Tradução: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2002.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.
- SILVA, Vera Lúcia Souza e. **Educar para a conexão: uma visão transdisciplinar de educação para saúde integral**. Blumenau: Nova Letra, 2004.